



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

NARRATIVAS AFRO-BRASILEIRAS E AFRICANAS E A *COR DA CULTURA*: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA AS AULAS DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

GUARABIRA

2016

ELINALVA ROSENO DOS SANTOS SILVA DE ABREU

**NARRATIVAS AFRO-BRASILEIRAS E AFRICANAS E A *COR DA CULTURA*:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA AS AULAS DE LEITURA NO
ENSINO FUNDAMENTAL II**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, enquanto requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras.
Área de concentração: Literatura e Educação.

Orientador: Profa. Dra. Maria Suely da Costa.

GUARABIRA

2016

A162n Abreu, Elinalva Roseno dos Santos Silva de
Narrativas afro-brasileiras e africanas e a cor da cultura:
[manuscrito] : uma proposta de intervenção para as aulas de leitura
no Ensino Fundamental II. / Elinalva Roseno dos Santos Silva de
Abreu. - 2016.
22 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Suely da Costa, Departamento
de Letras".

1. Contos afro-brasileiros e africanos. 2. Ensino
Fundamental. 3. Sala de aula. I. Título.

21. ed. CDD 372.4

ELINALVA ROSENO DOS SANTOS SILVA DE ABREU

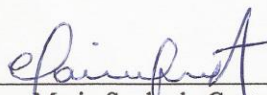
**NARRATIVAS AFRO-BRASILEIRAS E AFRICANAS E A COR DA CULTURA:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA AS AULAS DE LEITURA NO
ENSINO FUNDAMENTAL II**

Artigo, apresentada(o), ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras.

Área de concentração: Literatura e Educação.

Aprovada em: 13/10/2016

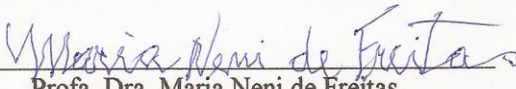
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Suely da Costa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria Neni de Freitas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

NARRATIVAS AFRO-BRASILEIRAS E AFRICANAS E A *COR DA CULTURA*: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA AS AULAS DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Elinalva Roseno dos Santos Silva de Abreu

RESUMO

Este artigo faz uma reflexão acerca do trabalho com literatura afro-brasileira e africana através do material dos *Livros Animados* de *A Cor da Cultura* e de livros físicos no Ensino Fundamental II e, mais especificamente, apresenta uma proposta de intervenção realizada no 6º Ano na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Hildon Bandeira, localizada na cidade de Alagoa Grande/PB. Um dos objetivos principais é uma breve discussão sobre aspectos relacionados aos documentos oficiais que alicerçam a Lei 10.639/03, além de problematizar a inclusão da literatura supracitada nas salas de aulas do Ensino Fundamental, aqui no caso do 6º ano, e ainda sugerir atividades que possam intervir na prática docente em Língua Portuguesa, no concernente a abordagem e trabalho com literatura em sala de aula. A proposta de intervenção consistiu na realização de quatro oficinas em sala de aula com os alunos. Para isso utilizamos como referencial teórico Cavalleiro, (2001), (2005), (2006), Lopes (2008), Duarte, (2008), Costa (2009), Motta, (2010), Pereira, (2013), Ribeiro, (2014), dentre outros.

Palavras-Chave: Contos afro-brasileiros e africanos. Ensino Fundamental. Sala de aula.

INTRODUÇÃO

A relevância deste artigo está em trazer a possibilidade de refletir acerca das possíveis transformações nos currículos escolares, mediante a proposta de intervenção nas práticas literárias de docentes de Língua Portuguesa pelo uso das literaturas afro-brasileiras e africanas. Este trabalho buscou compreender a relevância que o (a) professor (a) de Ensino Básico se conscientize da importância do ensino da cultura e das literaturas afro-brasileiras e africanas na escola brasileira, o que, por conseguinte, propiciará a possibilidade de constructo da identidade do/a aluno/a livres de estereótipos e preconceito racial, dentre outras formas de discriminação.

A aprovação e implementação da Lei 10.639/03 permitiu um novo olhar por parte dos educadores para as Literaturas africanas e afro-brasileiras, uma vez que se tornaram obrigatórias a reflexão e discussão nos espaços escolares e nas salas de aula acerca da participação do povo negro na formação histórica e cultural da nossa nação. Após a vigência da referida lei é possível ver uma maior produção de materiais sejam didáticos e paradidáticos, vídeo aulas, dentre outros, que possam subsidiar os (as) professores (as) na abordagem dessa temática em sala de aula. Temos como exemplo, aqui na Paraíba os Cadernos Afro-Paraibanos, que desde 2012, contribuem com “o conhecimento e autoconhecimento da população negra e, conseqüentemente, para a construção positiva da autoestima e do sentimento de pertencimento desse grupo [...]” (TELLA, 2012, p.13).

Há exatos dezessete anos, leciono a disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e há dez no Ensino Médio. E em minha vivência docente desde que tomei conhecimento sobre a implementação da Lei 10.639/03, algo em torno de onze anos observei que a maioria dos livros didáticos do Ensino Fundamental e, aqueles com os quais tive contato, até uns anos atrás, não traziam quase nenhum texto das literaturas afro-brasileiras e africanas, entretanto, nos livros didáticos com os quais trabalho atualmente, o do 6º ano intitulado **Perspectiva língua portuguesa**, organizado pelas autoras: Norma Discini e Lúcia Teixeira, ou o do 1º ano do Ensino Médio, **Português linguagens**, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães já aparecem, mas bem sucintamente textos de literatura afro-brasileira ou africana.

Essa problemática, além da questão do desrespeito as diferenças étnico-raciais na escola e na sala de aula, me fez questionar que, para que ocorra uma mudança nos valores etnocêntricos de nosso meio, deve-se iniciar desde cedo no espaço escolar às discussões e reflexões sobre a História e Cultura afro-brasileira e africana. Os discentes do Ensino

Fundamental têm o direito de adentrar e conhecer o vasto e mágico universo das literaturas afro-brasileira e africana, mediante a leitura de gêneros diversos como contos, mitos, fábulas, poemas e assim por diante. Trabalhar a temática da cultura africana e afro-brasileira a partir de livros literários pode levar a criança e o adolescente a perceber e reelaborar os conceitos e pré-conceitos impostos a eles pela sociedade.

No entanto, mesmo com o advento da Lei 10.639 pouco ou nenhum espaço se abriu para esta discussão nas escolas brasileiras e, acompanhando a produção de livros infanto-juvenis, enquanto professora-pesquisadora, constato ainda a presença acanhada de personagens negros que protagonizem histórias, sejam crianças ou adultos, pois se tem "a inexistência ou a escassa presença de livros literários com personagens negros nas escolas. [...] – [em que] prevalecia, sempre, os personagens brancos, [...]." (OLIVEIRA, 2003).

Da necessidade de estimularmos as práticas de leitura e escrita significativas, de fato, nos ambientes escolares, utilizando como mote os contos afro-brasileiros e africanos ao implementar a pluralidade cultural, via Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, através do reconhecimento, valorização e afirmação de direitos no concernente a educação. Hamze, (2014, n. p.) afirma que é essencial o:

estudo de assuntos decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana deve ser componente dos estudos do cotidiano escolar, uma vez que os alunos devem educar-se enquanto cidadãos participativos em uma sociedade multicultural e pluriétnica, tornando-se capazes de construir uma pátria democrática. Além disso, devem-se incluir no contexto dos estudos e ações escolares, as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, além das de ascendência africana e europeia. É preciso ter clareza que a admissão de novos conteúdos, estabelece que se repensem relações étnico-raciais, sociais e pedagógicas. (*sic*)

Em concordância com a autora, nos propusemos à realização do projeto didático, que originou este artigo, visto que os alunos dos 6º Anos, da EEEFM Padre Hildon Bandeira, em Alagoa Grande, na qual atuamos, apresentavam grandes dificuldades no tangente ao trabalho com a leitura e escrita e com as questões étnico-raciais. Logo, no intuito de tornar o trabalho com Literatura mais atrativo e significativo, superando não apenas as dificuldades apresentadas pelos discentes, detectadas em levantamentos iniciais, em relação ao que lê e infere propusemos a aplicação de uma proposta didática utilizando, em específico, livros cuja temática retomassem valores e tradições pertinentes à história e cultura de afrodescendentes e africanos. Assim, elaboramos e aplicamos a proposta, contendo atividades, cuja realização em sala de aula ocorreu mediante sensibilização no tocante ao tema e pelo reconhecimento e

valorização da cultura e história do negro, a prática conjunta e individual de preservação do acervo da biblioteca, de leituras e a produção de textos (verbais e não verbais ou mistos), que auxiliaram nos recontos dos textos lidos.

Acreditamos que com essa proposta que se utilizou de livros com narrativas africanas, como *Contos Africanos*, de Nelson Mandela e do material dos *Livros Animados* de *A Cor da Cultura* que narram lendas, contos, mitos, poemas de origem afro-brasileira foi possível desenvolver um conhecimento estimulante, cuja construção e apropriação serviram como alicerce para os alunos compreenderem permeados pelo espírito de autocrítica e do respeito às diversidades sociais a relevância do mesmo para a sua formação como cidadão letrado e o desenvolvimento da sociedade brasileira, no intuito do desconstruto da falácia da não existência de preconceito étnico-racial em nosso país.

CULTURA E LITERATURA AFRODESCENDENTE NA ESCOLA: MUDANDO AS PRÁTICAS

No Brasil, a presença de afrodescendentes em diversos segmentos, na cultura, formação da população e economia é latente, no entanto a ascendência africana e a história do negro é invisibilidade ou deturpada em nosso país. A escola, reflexo do espaço social tende a reproduzir o mesmo tratamento. Desde 2003, além de ser legalmente obrigatório mudar o exercício docente na escola com o intuito de tornar visíveis no nosso país os afrodescendentes é essencial compreender que a desigualdade racial não é algo natural e que o respeito e sensibilidade para se relacionar com todos os seres humanos de forma igualitária neste século são fundamentais (CAVALLEIRO, 2005).

Na cidade de Alagoa Grande, mesmo com a adesão da Secretaria de Educação do Estado com um curso de formação em EaD e do Município em parceria com a UEPB-CAMPUS III, em Guarabira, que também ministrou um curso acerca da temática, tem-se ainda muita resistência por alguns docentes, no concernente ao trabalho com a cultura e literatura afrodescendente e isso acirra ainda mais nos espaço escolar as relações étnico-raciais conflituosas tão presentes na atualidade, que ainda demandará em tempo para ser transformada, mesmo tendo a Lei 10.639/03 completado 13 anos de existência.

Infelizmente, mesmo na esfera da educação, ainda precisamos recorrer à Lei Nº 10.639/03 para justificar iniciativas relacionadas à desconstrução das categoriais raciais que organizam o imaginário e os espaços sociais brasileiros. Infelizmente, precisamos da regulação legal para fazer com que percebamos o quanto estávamos, estamos, e, certamente, estaremos, ainda que por algum tempo, envoltos pela vergonhosa discriminação racial. (MOTTA, 2010)

O trabalho aqui apresentado se baseia nos projetos pedagógicos desenvolvidos na escola em que leciono que privilegiaram sobremaneira os conteúdos literários afro-brasileiros e africanos e foram motivados pelo conhecimento da Lei 10.639/03. Assim, propor uma reflexão mais ampla sobre esse tema tornou-se essencial para modificarmos as práticas tradicionais, em que o ensino-aprendizagem formou cidadãos brasileiros e indivíduos preconceituosos e racistas, bastantes etnocêntricos em suas relações pessoais e sociais, pois se um sujeito se constrói culturalmente em um grupo considerado superior, são mais fortes as chances de desenvolver sentimentos de racismo, de intolerância para com o Outro, visto que, consoante a sociologia “o etnocentrismo, dessa forma, trata-se de uma visão que toma a cultura do outro (alheia ao observador) como algo menor, sem valor, errado, primitivo” (RIBEIRO, 2014, p.01). Especificamente, no âmbito escolar torna-se perceptível os efeitos nefastos oriundos de uma formação e prática docentes distantes da realidade e dos problemas sociais e por isso para mudarmos essa face cruel e excludente da educação precisamos, como docentes, conhecer um pouco sobre o que dizem as leis sobre uma educação inclusiva e motivadora, que possibilitem ao alunado o reconhecimento e visão positiva das diferenças sociais, culturais, étnicas, de gênero, não como barreiras impossíveis de serem ultrapassadas, mas como estradas, pontes para o encontro de si e do Outro, através de diálogos nas escolas, que refletirão na sociedade.

Dessa feita, acreditamos que uma discussão que perpassasse pela legislação é primordial e daí, nesse primeiro instante, analisaremos brevemente os documentos oficiais e veremos como se dá a questão da inserção para a igualdade, mediante a diversidade étnica.

A educação entendida *a priori* como um direito social é também um processo de desenvolvimento humano. Consoante se pode observar nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), a educação escolar corresponde a um espaço sociocultural e institucional, responsável pelo trato pedagógico do conhecimento e da cultura. Mediante isto, em conformidade com Cavalleiro (2006), estaríamos trabalhando em solo pacífico, visto que universalista. No entanto, no mundo real da escola as práticas educativas, que se propalam como universalistas, ou seja, iguais para todos, se tornam as mais discriminatórias. Em

contrapartida, surge à luta histórica dos movimentos sociais, e especificamente, a dos movimentos negros brasileiros por uma sociedade mais igualitária e uma educação que valorize cada sujeito, inclusive o negro, constantemente excluído da história (ou quando incluído, representado por uma trajetória repleta de estereótipos) e da cultura deste país.

Através da legislação, ou seja, por meio das Leis, os direitos da população negra foram garantidos, principalmente, a partir da segunda metade do século XX. Após a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), no ano de 1945 e em 1948, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, o Brasil começou as ações de combate ao racismo e ao preconceito quando sancionou em 1951 a Lei Afonso Arinos, na qual a discriminação racial foi caracterizada como contravenção penal, visto que se proibiu a discriminação no Brasil. Nas décadas seguintes, diversos movimentos e eventos foram organizados no Brasil com o intuito de eliminar todos os tipos de discriminação racial. Em seguida, chegamos a mais uma conquista, a Constituição de 1988, em que se considerava a prática do racismo como crime imprescritível e inafiançável, e ainda ressaltava as manifestações culturais como um bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, idade e quaisquer outras maneiras de discriminação. Algum tempo depois foi publicada a Lei nº 7716/89, a chamada Lei Caó, na qual são definidos os crimes resultantes de discriminação por raça ou cor (CAVALLEIRO, 2006).

As Leis foram sancionadas objetivando impedir o racismo na sociedade brasileira, entretanto no campo educacional, só possuíamos de concreto os PCN que tratavam em específico da pluralidade cultural, entretanto, como se tratava de um parâmetro e não de uma Lei, ninguém se sentia na obrigatoriedade de inserir a temática em sala de aula. Assim, Lopes (2008) ressalta que os PCN – embora valorizem os saberes locais a proporção em que é ponto de partida para a assimilação do patrimônio cultural da humanidade apresenta, porém, as diferenças culturais como diferenças psicológicas, e não considera os aspectos sociológicos. Nesse sentido, os PCN buscam homogeneizar, ao garantir uma equidade social que escondem as desigualdades econômicas, sociais e culturais das crianças. O destaque ao tema pluralidade cultural “é justificado por se considerar que a vida democrática exige o respeito às diferenças culturais” (LOPES, 2008, pp.70-71) e, mesmo quando os PCN se referem às diferenças, o enfoque principal é dado nas características étnicas, o que entra em choque com o próprio objetivo dos PCN, que objetivam posicionar-se ainda contra discriminações originadas em diferenças de classe social, crenças, sexo e outras características individuais e sociais.

Acreditamos que o passo inicial para o reconhecimento e a valorização do povo negro nas escolas brasileiras se deve à inserção dos artigos 26A e 79B da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, como veremos a seguir:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. ([Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008](#)).

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra” (BRASIL, 2003).

Ao analisarmos tais alterações na LDB, percebemos que é clara a determinação. A temática deve ser inserida no conteúdo programático oficial e não como uma disciplina nova, conforme muitos profissionais da educação pensaram quando a Lei foi sancionada; mas, nas disciplinas já existentes de uma forma em que se desconstrua a história “oficial”, muitas vezes, contada na escola e contida nos livros didáticos em que o povo negro aparece na grande maioria, como sujeitos inferiores e, por conseguinte, menos importantes que os brancos na formação da sociedade brasileira.

Com a promulgação em janeiro de 2003 da Lei 10.639, (atual Lei 11.645/08) que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96 para inserção no currículo oficial da obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira e Africana e Indígena é que se assinala, segundo Cavalleiro (2006), a intenção do estado brasileiro em eliminar o racismo e a discriminação racial nas escolas. No entanto, entendemos que uma lei, como no caso da 10.639/03, não implica necessariamente uma modificação de práticas historicamente constituídas de desvalorização da história, literatura e da cultura do povo negro nas salas de aula. E, mesmo no caso em que se inserem a temática, percebemos que o enfoque dado por determinados professores estimula e até reforça com mais intensidade a situação de exclusão da população negra no sistema oficial de ensino, situação que precisa ser modificada urgentemente.

A educação se constitui em um dos mecanismos primordiais de transformação na vida de um povo, por isso é papel da escola, “como instituição voltada para a constituição de sujeitos sociais [...] afirmar um compromisso com a cidadania, [que] coloque em análise suas relações, suas práticas, as informações e os valores que veicula.” (BRASIL, 1998), ou seja, no espaço escolar se deve de forma democrática e comprometida pela promoção do ser humano e de sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos, os quais respeitem as diferenças e as características próprias de grupos sociais e minorias, uma vez que

a educação é principal via para o processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania (BRASIL, 2004).

Com a promulgação da Lei o que se pretende é trazer á tona de forma não-pontual a temática da história e da cultura afro-brasileira nas escolas, já que se quer inserí-las na sala de aula e nas relações em todas as instâncias sociais, pois o que não se buscou foi limitar tal inserção a abordagens esporádicas em momentos consagrados como festivos (PEREIRA, 2013, p.2). Mesmo com a institucionalização e obrigatoriedade da abordagem acerca da história e cultura afro-brasileira e africana, no Ensino Fundamental e Médio e, que nas disciplinas de História e Literatura representem um grande avanço no currículo escolar do Brasil, sua aplicação de fato, ainda se encontra bem comprometida, devido à resistência por parte de algumas escolas e de alguns docentes, que só querem trabalhar o 20 de novembro, por exemplo. Sendo assim, alicerçada no que tange a legislação e com o objetivo de mudar tal prática de ensino, que realizamos nosso trabalho com a proposta de intervenção, mediante a utilização de livros com contos africanos e os *Livros Animados* de *A Cor da Cultura*, onde se ressaltam aspectos de cultura afro-brasileira, realizado no 6º ano do Ensino Fundamental.

O ENSINO DE LITERATURA NO CONTEXTO ESCOLAR: ESPAÇO PARA A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA

A escola com seu caráter heterogêneo possibilita, através do contato com o outro, a construção de conhecimentos, mediante as trocas e diálogos entre costumes e culturas diferentes pelo acolhimento das diferenças, mas também pode ser o espaço em que se arraigam preconceitos, intolerâncias e estereótipos, cuja evidência se cristaliza, nas brincadeiras, nas piadas com negros e homoafetivos, por exemplo, na inoperância em situações de desrespeito ao outro, por meio dos rótulos discriminatórios. Logo como nos chama a atenção Cavalleiro (2001, p.46) “uma escola que não considera as especificidades da criança [do adolescente] coloca em jogo não só o mundo a ser interiorizado [...], mas, principalmente, o seu lugar nesse mundo, o lugar do seu grupo social e, sobretudo, a sua própria existência”.

Os currículos escolares do nosso país, cuja formulação se deu tendo como base uma ótica eurocêntrica, quase sempre, menosprezam a ideia do evidente pluralismo étnico-cultural dos (das) estudantes e isso contribuiu para que os estereótipos criados em relação aos (às)

negros (as) se propagassem e mantivessem. Outros fatores que fortalecem estas situações de preconceito é o que engloba questões socioculturais e socioeconômicas, pois “A escola é o espaço onde se encontra a maior diversidade cultural e também é o local mais discriminador” (OLIVEIRA, 2001, p.04).

Em contrapartida a tal fato trabalhar a literatura afro-brasileira e africana na escola contribuirá significativamente para romper com esse modelo eurocêntrico e monocultural, cujos saberes representam a cultura europeia, ou seja, a cultura hegemônica. E corroborando com isso, Silva (2010, p.35), afirma:

Uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são de sua história, de sua cultura.

Para Lilian Lopez Leite (2009), brasileiros e africanos apresentam afinidades em muitos sentidos e em diferentes formas de expressão, nas manifestações culturais e nas artes, por exemplo, ou nos aspectos estético e sociocultural, já que negar as influências seria ignorar nossas raízes. Assim, pela inserção dessas literaturas em nosso trabalho, pelos livros e o material de *A Cor da Cultura*, criou-se novos paradigmas educacionais de respeito e valorização à diversidade sociocultural, que foram proporcionados, e garantiram respeito às diferenças e reconhecimento às culturas africana e afro-brasileira.

Ao inserirmos essas modalidades literárias permitimos aos estudantes a oportunidade de manter contato com obras, nas quais eles (as) se reconheceram como protagonistas na formação histórico cultural do país e fortaleceram sua autoestima. Ao/A professor (a) de Língua Portuguesa cabe no Ensino Fundamental um papel importante através da inclusão dos textos literários afro-brasileiros e africanos, haja vista que, neste período, a leitura encontra-se em pleno desenvolvimento, pois no 6º ano a criança ou adolescente se encontra ainda muito dependente da seleção de conteúdos e de textos realizada pelo/a profissional. Dessa forma, pela inserção das literaturas supracitadas, nas aulas dependem quase que exclusivamente do (da) docente.

Com a literatura é possível possibilitar ao estudante a conscientização por meio de práticas desenvolvidas no espaço escolar a fim de que os alunos lutem contra qualquer tipo de preconceito. É importante que essas práticas sejam desenvolvidas neste espaço, porque quanto mais cedo à criança tiver contato com textos literários afro-brasileiros e africanos e participar de discussões acerca da História e Cultura afro-brasileira e africana, ele (a) se tornará um

vetor de ideias de tolerância, de autoaceitação do outro e respeito às diferenças étnico-raciais e culturais existentes na escola e, por conseguinte, na sociedade brasileira.

A literatura afro-brasileira vem aos poucos modificando o cenário literário, uma vez que traz à tona o protagonismo negro em oposição ao apagamento, que se tentou ou tenta lhe impor, pois conforme Alves (2010, p.57):

Urge considerar a Literatura Negra/Afrobrasileira dentro de seu contexto de surgimento e existência, revelando as faces de um Brasilafro em versos e em prosa. Continuar afirmando a sua inexistência ou a qualidade inferior dos textos é reafirmar parâmetros que insistem em olhar a sociedade brasileira longe da diversidade sociocultural que a sustém.

Para Eduardo de Assis Duarte, a literatura afro-brasileira ainda é um conceito em construção e, mesmo sendo tão somente um conceito em construção e, mesmo sendo uma vertente literária específica, sua prosa e poesia vêm corroborar com a consolidação e expansão desta (DUARTE, 2008). Dessa forma, a literatura afro-brasileira e africana ao serem inseridas na escola como uma modalidade literária revelam um novo espaço para discussões e uma maneira nova de olhar questões históricas, religiosas, econômicas, socioculturais e artísticas que permeiam a formação do povo brasileiro e suas raízes culturais, pois evidencia um modo de ser próprio do afrodescendente de se enxergar e ver o país, pela necessidade intensa de “denunciar a opressão social e evidenciar uma nova sensibilidade que apreenda esteticamente o universo da cultura afro-brasileira.” (PEREIRA, 1995, p.02).

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A proposta de intervenção na prática de sala de aula do (da) professor (a) de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, aqui apresentada, fora concluída em 2015, em uma turma de 6º ano. Nesta se objetivou a inserção da literatura afro-brasileira através de aulas dinâmicas e apropriadas para o diálogo professora- aluno (a) e aluno (a)- aluno (a), de modo que pudessem questionar, responder, expressar-se através da oralidade e da escrita, desconstruindo estereótipos e ressignificando o conceito de identidade com base na tolerância e respeito às relações étnicas, raciais e culturais na escola.

A partir deste momento, apresentaremos os procedimentos metodológicos utilizados em nosso trabalho, descrevendo, de forma sucinta momentos e etapas de intervenção didático-pedagógicas realizada, incluindo o espaço escolar, lugar de execução, os sujeitos envolvidos, o *corpus* e a intervenção por meio das oficinas em sala de aula. Trata-se de uma pesquisa-ação

uma vez ser “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes [...] estão envolvidos de modo participativo” (MANZATO & SANTOS, 2012, p.06). O processo investigativo nesta pesquisa se deu de forma quantitativa e qualitativa, visto que analisa dados obtidos através das respostas dos alunos. Tem-se, pois, a intervenção e descrição de oficinas aplicadas pelo viés didático-pedagógicas englobando a produção de leitura e produção escrita, além de outras formas de linguagem como desenho e produção oral. A pesquisa-ação, aqui apresentada objetivou primordialmente problematizar e discutir com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Hildon Bandeira, localizada no município de Alagoa Grande/PB questões referentes à história, cultura e literatura dos africanos e afrodescendentes no Brasil e para isto utilizamos como material didático, livros ou textos fotocopiados de narrativas africanas e ainda os *Livros Animados* de *A Cor da Cultura*.

No primeiro momento que teve início em julho do ano de 2015, realizamos apresentação do projeto, através de conversa oral dirigida pela professora acerca das diferentes cores das pessoas e sobre a cor que cada um achava que possuía e em seguida com respostas escritas em um pedaço de papel, de maneira anônima, foi escrita a auto-identificação de cada um e tivemos o constructo do nosso quadro étnico-racial. Depois lhes falei que íamos conhecer e aprender mais sobre a história e a cultura do povo negro, através de histórias de diferentes tipos. Depois, os próprios alunos relataram que estudaram um pouco sobre a África, especificamente sobre o Egito”, em História, em uma tarefa que fizeram. Contudo a maior parte dos discentes, ao falar neste continente, fez associação a aspectos negativos, como miséria e morte.

Dando prosseguimento, ao projeto fomos à Biblioteca para arrumar o acervo e realizar uma “Caça ao tesouro” de títulos pertinentes à temática trabalhada, e conseguimos com bastante esforço encontrar apenas três. Na aula seguinte, em outro momento, assistimos exibição do programa “Nota 10” de “A Cor da Cultura”, com o episódio 03 – “Igualdade de Tratamento e Oportunidade” e nesta etapa retomamos nossos diálogos sobre o porquê dessa imagem tão negativa acerca do (a) negro (a) e o predomínio de imagens do negro escravizado nos livros de história trabalhados na escola, que alguns citaram como a imagem que vinha a cabeça quando se falava de negro (a). Nas aulas seguintes, através de uma oficina construímos cartazes em grupos com imagens e frases positivando o povo negro, aqui aproveitamos para explorar diversos aspectos da cultura africana e afrodescendente, como Jongo, Capoeira, Maracatu, Culinária, Estamparias das roupas, Beleza Negra (Cabelo,

maquiagem, vestuário), instrumentos musicais, religião de matriz africana, a Caiana dos Crioulos, ciranda da Caiana dos Crioulos, Orixás, visto que os assuntos foram previamente pesquisados (na internet, livros, etc.), e expostos depois pelos grupos, nas aulas subsequentes. Ressalte-se que neste instante se percebe uma mudança na forma do dizer-se, visto que alguns discentes, que antes se referiam ao negro como um Outro, passam a fazê-lo como sendo um “eu”.

O passo seguinte teve seu início quando assistimos aos DVDs *Livros Animados* de *A Cor da Cultura*, e isso demandou mais de uma semana, para fruição dos audiovisuais e diálogos sobre os aspectos, que achavam interessantes. E aqui começa a percepção de qual importante é se conhecer o que antes parecia diferente, mas que na verdade é uma extensão de mim. Neste ponto e utilizando da intergenericidade transformamos, mediante esta oficina os audiovisuais em histórias em quadrinhos.

Dando prosseguimento pela leitura, em grupos, dos livros físicos, *Capoeira, Maracatu e Jongo*, de Sonia Rosa; *O presente de Ossanha* de Joel Rufino dos Santos, *Bruna e a Galinha D'Angola*, de Gercilga de Almeida, dentre outros, começamos mais uma etapa das atividades literárias baseadas nos *Livros Animados* de *A Cor da Cultura*, entretanto trabalhamos também com contos, mitos, lendas africanas através das leituras, do livro *Contos Africanos*, de Nelson Mandela e de fotocópias dos *Contos Africanos*, presentes no Caderno de Orientações Pedagógicas de Salvador e no site da Universidade Federal de São Carlos. Tais leituras, possibilitaram um bom aproveitamento, visto que os (as) alunos (as) mais inibidos (as) exerceram de maneira adequada seu papel como leitor do grupo, com melhoria na desenvoltura de quase todos/as tanto no aspecto oral, quanto escrito e permitiu ainda uma autoidentificação com os (as) protagonistas da narrativas e isso dirimiu o preconceito na sala acerca da questão étnico-racial. Aqui tivemos a produção de poemas baseadas nas narrativas lidas.

Na oficina seguinte houve a escolha das narrativas pelos alunos, que começaram em grupo o reconto do texto e a confecção dos fantoches mais simples, ou seja, os palitoches (visto que os mais complexos foram feitos em casa com o auxílio de parentes) e montagem de texto teatral baseada no livro de Joel Rufino dos Santos *O presente de Ossanha*, constructo de cineminha com o livro *Capoeira*, de Sonia Rosa, por exemplo. Este momento foi excelente, porque cada um dos componentes de cada equipe participou, seja pelo desenho, pintura dos desenhos que fizeram ou reescrita do conto. Foi um momento ímpar, devido a autonomia, ao protagonismo demonstrada pelos (as) alunos (as) na execução dos materiais. As apresentações dos quadrinhos e dos fantoches ocorreram em sala de aula.

A última oficina se deu com a culminância quando organizamos a sala para a exposição e a apresentação dos cartazes elaborados pelos alunos sobre aspectos como danças, culinária, beleza africana, religiosidade, a Caiana dos Crioulos e a Ciranda da Caiana dos Crioulos, além de uma exposição da culinária, de roupas e bijuterias com as estampas étnicas de inspiração africana, que chamaram bastante atenção dos visitantes, além da exibição dos diferentes fantoches, do cineminha e da peça teatral.

Os trabalhos produzidos foram o resultado das leituras e em consonância com tudo aquilo que se propôs e, tal mister se deu não apenas com o intuito de aprimorar a capacidade leitora mas de ver o Outro e respeitar ou reconhecer-se como afrodescendentes detentores de uma história e de uma cultura nem sempre visibilizadas. Sendo assim, ao trabalhar como educadores através de novas metodologias uma abordagem da temática étnico-racial em sala de aula, por meio de um projeto como o realizado ano passado, na escola em que leciono, rompemos com a indiferença e despertamos o potencial ético do alunado. Ao tentarmos fazê-los perceber que têm a responsabilidade de intervir em qualquer “lugar” de discriminação, já que a Humanidade é única, o levaremos a compreensão de que reduzir ou permitir que se reduza a humanidade do Outro é reduzir-se a si próprio, como indivíduo, como cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo por base a proposta apresentada neste trabalho, pode-se dizer que trabalhar a Literatura Afro-Brasileira e Africana no Ensino Fundamental II tem representado um ganho muito significativo para a autoestima e construção da identidade étnico-racial positiva nas crianças e adolescentes negros, pois além da valorização da cultura negra e possibilitar a desconstrução de estereótipos e preconceitos sobre os africanos e seus descendentes no Brasil, foi possível realizar também um discurso de combate ao racismo arraigado na sociedade brasileira. O racismo velado, que de forma sutil, silenciosa se faz presente no cotidiano dos indivíduos e em todos os espaços sociais, entre esses, o espaço escolar onde as práticas racistas também precisam ser desconstruídas.

Diante do exposto, cabe a nós educadores (as) uma análise mais atenta e criteriosa ao trabalharmos com narrativas e outros gêneros da literatura infanto-juvenil, de modo a favorecer a desconstrução dos arquétipos racistas perigosamente veiculados por meio destes (de forma inocente?) e valorizar a diversidade. Segundo Costa (2009, p.147) “Uma leitura

específica dessa literatura passa em considerar a necessidade de desvencilhar olhares etnocêntricos, buscando nos sentidos possíveis da linguagem apresentada no texto.”. E tal linguagem perpassa pelo constructo da “beleza da oralidade escrita e do fazer lingüístico característico das temáticas e dos escritores de afro-literatura”.

Nesse sentido, a visão panorâmica, e ao mesmo tempo específica, traçada aqui, poderá nos instigar a ser críticos e, ainda mais, a redobrar o nosso olhar quanto às produções que estamos priorizando ao trabalhar a literatura no espaço escolar, no intuito de possibilitar a superação de idéias preconceituosas, na maioria das vezes apresentadas através desse importante recurso didático, que é o livro, seja paradidático, seja didático. Trabalhar com as narrativas afro-brasileiras e africanas, além dos *Livros Animados* de *A Cor da Cultura*, possibilitou observarmos o quanto é possível viabilizar o constructo de um ressignificar do ser negro no âmbito escolar. O papel transformador da educação como o espaço, no que se refere à formação de cidadãos e cidadãs com as mesmas oportunidades de direito deve ser construído e desempenhado na escola e exercitado em todos os lugares, respeitando-se as relações entre as pessoas e sem perder de vista a equidade de etnia, gênero, dentre outras, respeitando as suas especificidades.

ABSTRACT

This article is a reflection on the work with african-Brazilian and African literature through the material of Animated Books of The Color of Culture and physical books in Primary Education II and, in particular, presents a proposal for intervention performed on the 6th Year in School state of Elementary and Secondary Education Father Hildon Flag, located in the city of Alagoa Grande / PB. One of the main goals is a brief discussion of issues related to official documents that underpin the Law 10.639 / 03, and discuss the inclusion of the aforementioned literature in elementary school classrooms, here in the case of the 6th year, and even suggest activities may engage in teaching practice in Portuguese, with regard to approach and work with literature in the classroom. The proposed intervention consisted of four workshops in the classroom with students. For this use as Cavalleiro theoretical framework (2001), (2005), (2006), Lopes (2008), Duarte (2008), Costa (2009), Motta (2010), Pereira (2013), Ribeiro, (2014), among others.

Keywords: African-Brazilian and African Tales, Elementary School, classroom

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gercilga de. **Bruna e a galinha d'Angola**. Rio de Janeiro: EDC/ Pallas, 2011

ALVES, Miriam. **BrasilAfro autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p.57.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e de Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Junho, 2005.p.12.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Brasília, 2003.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto **Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional**. Lei 9.394/96. Brasília, 1996.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Introdução. In: BRASIL. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Ministério da Educação e Cultura/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade Brasília: MEC/ SECAD, 2006.

_____. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03**. Brasília, MEC, 2005.

_____. **Discursos e práticas racistas na educação infantil: a produção da submissão social e do fracasso escolar**. Cad. Educação, n. 3, p. 43-56, mar./2001.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**, 1. Ensino Médio. São Paulo: Saraiva, 2012. (Conforme nova ortografia)

COSTA, Maria Suely da. "**Literatura afro – brasileira e negritude: uma experiência de leitura**". In Lima, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; OLIVEIRA, Andrey (Orgs). **Griots – culturas africanas: linguagem, memória, imaginário**. Natal: Lucgraf, 2009.

DISCINI, Norma; TEIXEIRA, Lúcia. **Perspectiva Língua Portuguesa**, 6. 2 ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2012.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção.** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, num 31, 2008, pp. 11-23. Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. Disponível em: <http://redalyc.org/articulo.oa?id=323127095001>.

HAMZE, Amélia. **História e cultura afro-brasileira 2014.** Disponível em: <http://educador.brasilecola.uol.com.br/politica-educacional/historia-e-cultura-afro-brasileira>. Acesso em: mai 2016.

LEITE, Lilian Lopez. **Inserção da história e literatura africanas de língua portuguesa nos Estudos Literários.** Disponível em: WWW. Uniandrade.com.br/Revista/pdf/2009-1/2009_v10_n1. Pdf. Acesso em jun 2016.

LOPES, Milano. **O racismo nos livros didáticos.** [online] Disponível na Internet via <http://www.folhadomeioambiente.com.br/fma-104/capa104.htm> Acesso em: 15 mar de 2016.

MANDELA, Nelson. **Meus Contos Africanos.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MANZATO, Dr. Antônio José; SANTOS, Dra. Adriana Barbosa. **A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa – 2012.** Disponível em: http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf

MOTTA, Kássio. **Da lei à ética: A cor da cultura.** Disponível em: artigo.acordacultura.org.br/artigo-02-12-2010. Acesso em: ago. de 2016.

OLIVEIRA, Maria Anória de J. . **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989.** 2001, (Dissertação de Mestrado em Educação) – Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.

OLIVEIRA, Eliana de. **Identidade, intolerância e as diferenças nos espaço escolar: questões para debate.** – Revista Espaço Acadêmico – Ano I, nº 7, mensal, dezembro de 2001. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/007/07oliveira.htm>.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Panorama da Literatura Afro-Brasileira: Callaloo.** Vol. 18, No. 4, Literatura Afro-Brasileira: Um Número Especial (Autumn, 1995), pp. 1035-1040 Disponível em: http://www.jstor.org/stable/3298939?seq=1#page_scan_tab_content

RIBEIRO, Silvino Paulo. **Etnocentrismo- Brasil Escola – 19 de agosto de 2014 – Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/etnocentrismo.htm>.** Acesso em jun de 2016

ROSA, Sonia. **Capoeira. Jongo. Maracatu.** Rio de Janeiro:Pallas, 2004, v. 1-3 Col. Lembranças africanas.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O presente de Ossanha.** São Paulo: Global, 2006.

SILVA, M. R. **A literatura infanto-juvenil de matriz afro-brasileira.** Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.

TELLA, Marco Aurélio Paz. (org.). **Cadernos afro-Paraibanos – Vol. I Educação, ações afirmativas e relações étnico –raciais.** João Pessoa: NEABI/UFPB – dezembro de 2012.

<http://www.acordacultura.org.br/>

<http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-cenap/publicacoes/caderno%20de%20apoio%20a%20pratica%20pedagogica%20contos%20africanos.pdf>

http://muralafrica.paginas.ufsc.br/files/2011/11/CONTOS_AFRICANOS.pdf